

centro
de
documentação

RE(Arq)
68

RE(ARQ)-68

r e l a t ó r i o d e e s t á g i o

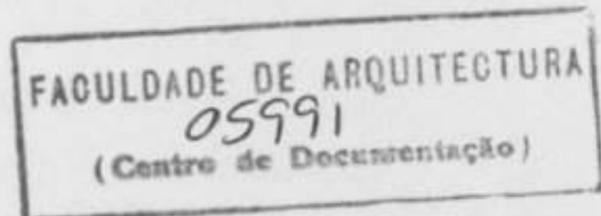
r i t a p a l l a a r a g ã o

1. Introdução	pág. 5
2. Contexto Histórico	pág. 7
3. Edifício: Pórtico de Entrada	pág. 25
4. Conjunto da Sala de Cinema	pág. 26
5. Sala 12 e 17	pág. 27
6. Sala 13	pág. 32
7. Condicionamento: Sala 12 e Cinema	pág. 38
8. Conclusão	pág. 70



d e z e m b r o 9 8

faculdade de arquitectura da universidade técnica de lisboa



í n d i c e

1. Introdução	pág. 3
2. Camarins. Mateus	pág. 7
3. Edifício. Ponte da Barca	pág. 23
4. Convento da Sra. do Carmo	pág. 25
5. Lotes 18 e 27	pág. 29
6. Rio Maior	pág. 32
7. Concursos: Estoril e Cantina	pág. 36
8. Conclusão	pág. 39

I n t r o d u ç ã o

O presente estágio foi elaborado para conclusão do curso de Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (F.A.U.T.L.). Teve início em 17 de Fevereiro e terminou a 31 de Julho de 1998. Foi feito sob orientação, e no **atelier da Arq. Maria Teresa Nunes da Ponte**.



fig. 1 - marcação das escadas nos camarins

No entanto, agradece-se também ao atelier *Luis Quaresma Ferreira, atelier de arquitectura Lda* e ao atelier *Aragão e Sá Pereira, arquitectos Lda* a possibilidade de **colaboração em diversos trabalhos neste período**, e como complementos para o estágio.

Sendo o estágio um conceito recente na F.A.U.T.L., obrigamo-nos a uma certa liberdade quer nas escolhas dos locais para estagiar, quer nos tipos de trabalhos e colaborações durante este período.

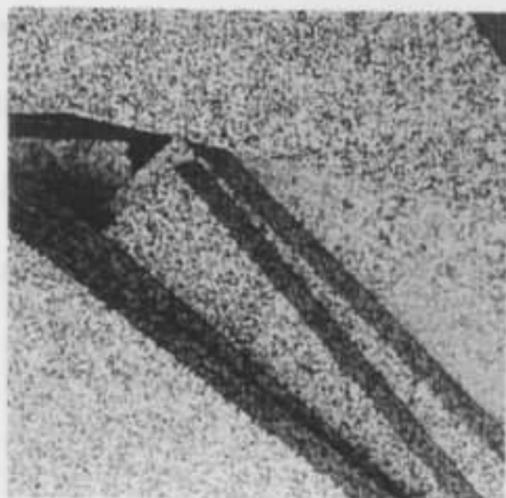


fig. 2 - armazenamento das pedras na obra

Pensou-se ser enriquecedor estabelecer como objectivo o equilíbrio entre a permanência fixa num lugar com um trabalho de fundo e a diversidade de experiências noutros locais com colaborações pontuais.

Assim, como foi referido anteriormente, todo o **estágio foi realizado no atelier Teresa Nunes da Ponte, arquitectura Lda**, sob orientação da arquitecta e centrado

no projecto que desde o início havia sido estipulado, embora com **diversas colaborações** em meio-horário **noutros locais**.

Este projecto, que acaba por constituir o corpo principal deste texto, por ser o objecto do estágio, é um projecto muito particular e concreto: a construção de um edifício, com a função de **Camarins, na Eira da Casa de Mateus**, em Vila Real.

O projecto revelou-se extremamente aliciante por diversos motivos, tais como o local, o tipo de programa, a rapidez que se pretendia em todo o processo e a **fase de estudo em que o projecto se encontrava**.

Trata-se de um **edifício pequeno**, com a função muito específica de **apoiar o edifício da Eira** quando ali se realizam **eventos culturais (musicais ou teatrais)**.



fig. 3 - a eira

Estes eventos são promovidos pela Fundação da Casa de Mateus, organismo semi-oficial, e esta obra veio a inserir-se também no **conjunto de obras da Fundação**.

Este facto permitiu ao processo adquirir condições administrativas especiais, tais como a do licenciamento ser obtido enquanto a obra decorre, o que transformou o projecto num acontecimento muito rápido, que no prazo de Fevereiro a Julho se desenvolveu desde o estudo prévio à execução final da obra.



fig. 4 – relação visual entre os dois edifícios

Desde o início se apresentou, portanto, como um projecto muito adequado para estágio, já que se sabia que neste curto prazo de tempo se ia passar pelas **fases de estudo-prévio, projecto de arquitectura, projecto de licenciamento, projecto de execução e pormenorização em obra**, dando assim uma noção bastante global do processo de construção de um edifício.

Apresentou-se igualmente **muito aliciante**, pela possibilidade de **construir na propriedade da Casa de Mateus** que é, como se sabe, um edifício e uma organização com grande importância e prestígio no panorama nacional, pela sua história, pela sua arquitectura e pelos produtos que ali são feitos que ampliam e divulgam o edifício.

No entanto, existe a noção de que uma obra como a dos Camarins é sem dúvida um caso singular, e que embora tenha uma componente construtiva e de experiência de obra muito forte não espelha o **actual panorama processual** do modo de fazer arquitectura no nosso país.



fig. 5 – armazenamento das pedras na obra

Assim se justifica a procura noutros trabalhos dessa componente, como foi o caso de dois **lotes em Setúbal** (ver ponto 6.), que apresentaram principalmente a parte administrativa da construção de um edifício. Ou o caso do **Convento de N. Sra do Carmo** que, repartido ainda entre uma obra parcial e um demorado processo de aprovação de verbas, depois da aprovação do projecto.

Neste conjunto de trabalhos, encontra-se ainda um outro caso que não tendo sido extenso temporalmente, foi intenso na execução: a participação em dois **concursos**. Um primeiro para construção de um Centro de Congressos no Estoril, e um outro para a futura Cantina da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, no Campo Sant'Ana, em Lisboa.



fig. 6 – escultura de Cutileiro no jardim da frente da Casa

Por último, há que salientar que a colaboração no atelier *Teresa Nunes da Ponte, arquitectura Lda* não se centrou exclusivamente no projecto dos Camarins, já que um atelier vive de vários projectos, intercalados. E que, com pequenas colaborações pontuais em múltiplos trabalhos, se vai conhecendo **toda uma história de vida de um atelier**.

Destes, apresentam-se aqui três trabalhos distintos para além dos Camarins, sendo dois deles escolhidos porque também estão relacionados com Mateus, ajudando a compreender o todo, e o terceiro porque foi um trabalho de maior dimensão, assumindo assim um papel mais importante.

Optou-se neste texto por se expor os diversos trabalhos isoladamente, ainda que com ligação entre eles. A escolha entre um relatório teórico sobre a história da Casa de Mateus ou um relatório técnico sobre os diversos trâmites legais acabou por resultar numa **solução de compromisso**, onde se tenta **mostrar o que foi feito**, como foi feito e porquê e ainda que **resultados e conclusões** se podem retirar de cada uma das experiências, e do conjunto de todas elas.



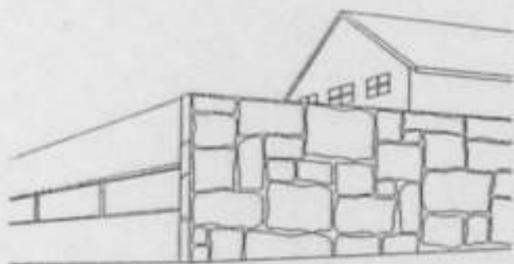


fig. 8 – perspectiva dos camarins

O projecto dos **Camarins em Mateus** é a parte **predominante e fulcral do texto**, por nele se ter centrado todo o estágio e por ser distintamente o trabalho que apresenta uma maior componente histórica e teórica da arquitectura.

É-o também pelo significado que assumiu ao ser uma obra em que se teve participação em diversas fases, acabando por adquirir um **carácter muito pessoal**, no sentido de fazer parte de nós.

Date: _____

Page: _____

Chapter: _____

Section: _____

Topic: _____

A case of _____



Casa de Mateus – Vila Real

Arq. Teresa Nunes da Ponte

Objecto do Estágio

Colaboração no projecto-base, projecto de execução, desenhos
de assistência à obra

A Casa de Mateus foi classificada em 1911 como Monumento Nacional. Atribui-se a sua autoria a Nicolau Nazoni, embora exista ainda uma certa controvérsia quanto a este facto. Nazoni terá feito a Igreja da Cumieira em 1739, que fica a 8km de distância da propriedade. Existe um período entre essa data e 1743 em que o seu paradeiro é desconhecido, pelo que diversos historiadores de arquitectura, entre eles Robert Smith, a identificam como sendo da sua autoria.



fig. 9 – a Casa de Mateus

Em todo o caso, é inquestionavelmente um dos melhores exemplos do Barroco no nosso país, principalmente na região Norte.

A data da sua construção não é conhecida com rigor, embora seja seguro afirmar que terá sido durante a primeira metade do séc. XVIII, por António José Alves Botelho Mourão, 3º Morgado de Mateus. Foi erigida sobre a demolição da anterior, que dataria de finais do séc. XVI.

No mesmo período ergueu-se também a capela anexa.

Da história de Mateus há muito que contar, sobretudo dos interiores da casa, que são uma surpresa permanente, em que se sucedem espaços de rara beleza, com tectos e sobreportas muito ricos, de madeiras meticulosamente trabalhadas. Existe uma biblioteca que, embora recente, é invulgarmente bela e onde inseridos na arquitectura encontramos exemplares de edições que nem sabíamos existir. É o caso das chapas de gravura da primeira versão ilustrada d'*Os Lusíadas*, entre muitas outras relíquias.



fig. 10 – o Jardim das Coroas

Mas seria morosa e talvez desnecessária uma explicação detalhada do que é o imóvel, visto apenas ser possível explicar uma pequena percentagem do que lá se encontra, e a influência que a casa tem na obra é apenas pelo seu conjunto.

É no entanto de salientar os jardins que, sendo já deste século, são resultado de diversos projectos entre 1933 e 1963 e de várias autorias, entre elas o Arq. António Lino, o pintor Paulo Rensliman e o Arq. Gonçalo Ribeiro Teles. A destacar o túnel de cedros, uma obra de excepção, com dezenas de metros de comprimento, criando um ambiente singular.

Todo o território se encontra pontuado por diversos tanques, sendo o tanque de rega principal junto da eira, proporcionando ao espaço uma enorme quantidade de água e criando dos mais diversos sons.

A F u n d a ç ã o d a C a s a d e M a t e u s

A Fundação da Casa de Mateus foi instituída em 1970 por D. Francisco de Sousa Botelho de Albuquerque, 6º conde de Vila Real. Viria a falecer em 1973, doando a propriedade à Fundação e deixando ao seu filho D. Fernando de Sousa Botelho de Albuquerque a sua Presidência.

Os princípios base da Fundação não sei descrever com precisão, mas trata-se de um consórcio entre a Casa de Mateus e o Estado Português com vista à promoção de eventos culturais de âmbito nacional e internacional, sobretudo nas áreas das artes plásticas, literatura e música. Na Casa de Mateus foi feito um restauro extenso, com vista a promover logística a esses eventos e na propriedade foram sendo recuperados diversos edifícios de forma a que seja possível o alargamento dessas actividades.

Em Mateus decorrem ciclos como o festival "Música na Região Norte", "XIX Cursos Internacionais de música", "Tradução colectiva de poesia viva" ou a colecção "Poetas em Mateus". Todos os anos, por duas vezes existem "seminários de tradução colectiva" e, durante o período de verão, são efectuados diversos cursos de formação.

Como foi referido anteriormente, com os estatutos da Fundação na propriedade de Mateus, têm-se feito diversas obras com fim a melhorar as condições para a promoção



fig. 11 - excerto de um programa

cultural. É exemplo disso a recuperação do antigo Lagar de Azeite para a construção de uma residência de artistas para alojamento dos mesmos ou, neste caso concreto, a construção dos camarins com vista à melhoria dos apoios aos espectáculos que decorrem na eira.

Por este motivo, é uma obra fortemente condicionada a nível financeiro, para a qual não é possível grandes alargamentos de concepção.

Mas, numa visita a Mateus, é possível concluir que toda a casa está em permanente movimento ao nível de restauro e de remodelação, existe uma grande vontade de melhorar o imóvel. E a obra dos camarins foi preparada para também entrar nesse "jogo", foi preparada para futuros acrescentos, para melhorias que, inclusivamente, já estão projectadas.



Fig. 14 - Plano geral da casa da Fundação de Mateus

reconvertido em habitação para o "Presidente" da Fundação e Eva foi restaurada para apoio às actividades da Fundação assim como as Casas do Casarão e Telhados e Antigas Instalações

Intervenções em Matd, o sítio que é ateliê e moradia em Mateus

Desde 1980 que o atelier da Arq. Maria Teresa Nunes da Ponte executa e participa na totalidade das obras que são feitas na Casa de Mateus.

De início tratava-se sobretudo de recuperar o interior do imóvel, restaurando e readaptando espaços a novas funções. No período imediatamente anterior havia sido a Direcção dos Monumentos Nacionais a participar nos restauros.

Acontece que devido à política da época tinha sido intensamente usado o betão para a reconstrução das coberturas, técnica que foi de imediato travada pelo atelier, dados os problemas que sabemos existir neste tipo de recuperação. Ainda assim, grande parte da casa havia sido coberta com lages de betão armado. Ainda se acompanharam as obras da Casa, da Capela e das Instalações Agrícolas e em 1985 foi feito um Plano Geral de Restauro e Reabilitação.

Os restauros que se seguiam foram em diversos locais exteriores, o Armazém e a Tulha foram transformados em Quartos e Instalações Sanitárias para o público, o Sótão foi



fig. 12 – vista geral da obra da Residência de Artistas

reconvertido em habitação para o Presidente da Fundação, a Eira foi restaurada para apoio às actividades da Fundação assim como as Casas de Caseiros e Telheiros e Antigas Instalações.

No entanto, de entre o conjunto das obras realizadas em Mateus, existe uma que é necessário salientar: a transformação do antigo lagar de azeite em Residência de Artistas.

Em primeiro lugar por ter sido uma das obras de maior dimensão ali realizadas, com um carácter moderno de reintegração dos espaços e com uma função muito particular. Em segundo lugar porque era uma das obras



fig. 13 – ligação entre corpos na Residência de Artistas

que ainda se encontrava em curso aquando do início do estágio, pelo que me foi permitido presenciar a sua conclusão, inauguração e uso.

Constitui-se por um conjunto orgânico de construções próximas e isoladas, que se viam as diversas funções do lagar e que actualmente se encontravam em completa ruína. Um total de 1800m² de lugares outrora habitados intensamente.

A recuperação é singular, porque para além de remodelar os espaços interiores, trata de juntar os diversos corpos, criando uma harmonia *suigeneris* entre o antigo e o moderno, entre o rural e o citadino, entre os corpos fechados e os grandes vãos e, acima de tudo, entre um antigo local de trabalho e um actual lugar de contemplação.

A casa para viver a poesia por uns meses¹

¹ Memória Descritiva apresentada na trienal de Arquitectura de Sintra

O s c a m a r i n s

O início do estágio coincidiu com o início deste projecto. Existia um estudo orçamental que tivera por base o levantamento do local e a elaboração de uns primeiros esboços apenas com carácter quantitativo. Existia também uma **ideia de programa** descrita pelos proprietários.

Como já foi referido, a Casa de Mateus é actualmente um dos pontos-chave do panorama artístico português, a nível de espectáculos, festivais de música ou mesmo de formação. Todo o território da propriedade se encontra pontuado por locais onde de facto "acontecem coisas". A eira ou barrão é um desses locais. **Ali se fazem os espectáculos**, quer no interior quer no exterior.

No entanto, até à data **não existia nenhum tipo de apoio logístico** próximo. A propriedade é extensa e os artistas eram forçados a uma **deslocação pouco prática** imediatamente

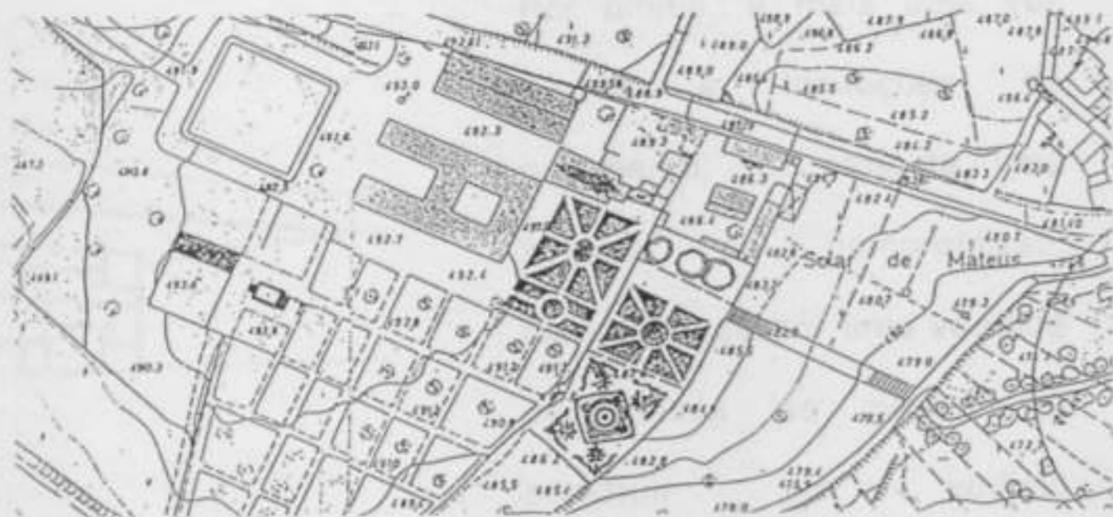


fig. 14 - planta de implantação

antes do início do espectáculo. A ideia base da construção dos camarins era exactamente solucionar esse problema.

À partida a ideia parecia aliciante, quer pelo seu cariz pouco vulgar quer pela importância de se construir num local como aquele.

A fase em que encontrei o projecto era praticamente inicial, e os desenvolvimentos que já haviam sido feitos eram essencialmente a nível programático e em conversa com os proprietários.

A primeira ideia tinha sido fazer um edifício que acompanhasse longitudinalmente um dos lados da eira na sua cota mais baixa, como que mascarando a plataforma actualmente existente. Era um programa com alguma complexidade, com diversos usos distintos, entre eles uma esplanada, camarins e instalações de apoio em diversos níveis.

Numa segunda fase assistia-se a uma redução substancial de funções e de tamanho, embora mantendo alguns planos nos locais onde antes existiriam paredes, transformando partes do edifício numa espécie de cenário, conferindo-lhe um carácter singular onde um certo ar de perenidade coexiste com materiais nobres.

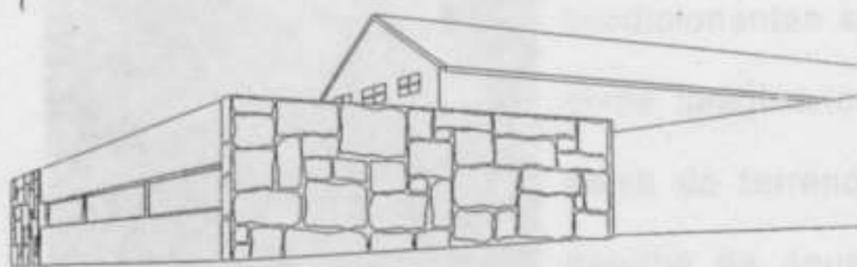


fig. 15 – perspectiva da eira

Por último, e mais uma vez devido a limitações de orçamento, foi atingida uma solução de compromisso, caracterizada por uma vontade de ambas as partes de construir um edifício extensível. Um edifício que mais tarde possa ser acrescentado, rematado, revestido. Aliás, este tipo de abordagem é característico naquela casa, ou naquele tipo de casas que, como sabemos, cresceram ao longo dos séculos, e o que são hoje não corresponde em nada ao que eram originalmente. É uma questão de atitude que me pareceu importante. A ideia de esperar.

Assim sendo, as funções que se atribuíram inicialmente a este edifício, foram reduzidas para o indispensável para seu o bom funcionamento. Duas salas, um camarim, três instalações sanitárias e um espaço de distribuição constituem um pequeno bloco de cerca de 110 m².

o p r o j e c t o :

c o n c e i t o s

O sítio tem uma enorme singularidade, e quando lá chegamos é uma espécie de idílio comparado com o tipo de locais a que estamos habituados na cidade. Um espaço onde pouco acontece, onde existe calma, onde o tempo se estende.



fig. 16 – corredor entre os dois edifícios

Um projecto desenhado no frenezim da cidade, e que de repente se tranforma em algo real. Num local em que as condicionantes são mais do que linhas no papel, do que eixos imaginários vindos da frete da casa ou da parte baixa do terreno. Um lugar em que o que importa é o barulho da água, que surge nos quatro lados da eira, envolvendo-a. O que atrai são as pedras gastas ao longos dos séculos pelo trabalho das gentes locais. O que nos condiciona são os carvalhos antigos convivendo com árvores recentes. Um cenário que não se pode destruir.

Surgem naturalmente e com clareza algumas condicionantes que acabarão por complementar as definições de projecto. É o caso da cércea, que fica

claramente limitada pela cota do pavimento da eira, numa tentativa de a prolongar.

É também a necessidade de manter uma pequena árvore que está a crescer no corredor que separa os dois edifícios, ainda que em obra sejam necessárias algumas "acrobacias".

É a vontade de fazer um edifício com grande fenestração, de modo a que o exterior faça também parte da arquitectura.

No fundo, as necessidades criam-se na visita ao local. A condicionante é o lugar.



fig. 17 – tentativa de deixar intocado o lugar

d e s e n h o

Como já foi referido, existia um estudo prévio ainda na fase inicial. Todo o trabalho do estágio foi feito a partir daí.

Nas obras pertencentes à Casa de Mateus, o enquadramento legal é muito específico, pois não é necessário o licenciamento estar aprovado para a obra ter início. No entanto, o projecto tem que ser aprovado mais cedo ou mais tarde.

Assim, procedeu-se normalmente. Do Estudo Prévio passou-se ao Projecto-Base, a partir do qual foi feito o Projecto de Licenciamento e por último o Projecto de Execução. Mas na prática, não sendo necessário aguardar o tempo correspondente ao licenciamento, a obra começou ainda durante o projecto de Execução, cerca de um mês e meio depois de concluído o Projecto-Base.

Não sendo uma obra de grande dimensão nem com dificuldades técnicas muito complexas, houve sobretudo que ter em atenção os pormenores de execução, muitas vezes dificultados pelo pouco hábito de fazer arquitectura com grande rigor em locais tão distantes.

O projecto acabou por ser desenvolvido inteiramente durante a execução da obra, com pormenorização de todos os componentes.

As caixilharias de ferro foram desenhadas individualmente, quer as de correr em calha metálica, quer as de guilhotina.

As palas exteriores, que servem para resguardo do sol e para segurança do edifício, foram calculadas de forma a que o seu manuseamento fosse possível pelo interior.

Os pontos de luz no exterior foram desenhados especificamente para este edifício, sendo alguns deles revestidos a espelho no verso, de forma a que a luz seja reflectida de forma intensa.

A escala metálica que liga a eira aos camarins foi desenhada de base, existindo o cuidado de diferenciar as grelhas metálicas do seu pavimento quando nos aproximamos do solo, de forma a criar transparências múltiplas.

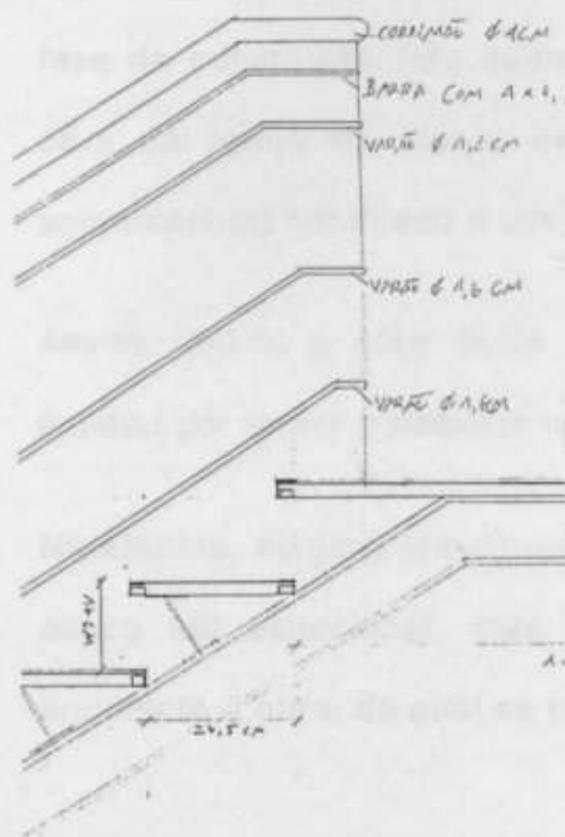


fig. 18 - excerto da pormenorização da escada

Estes foram os pontos em que a pormenorização foi mais cuidada, de forma a conferir ao edifício um cariz singular, mas foram feitos desenhos de toda a pavimentação, da

ligação entre os diversos materiais do chão, das ombreiras em granito, das pedras de bancada nas instalações sanitárias, dos armários no interior, das portas interiores e exteriores, das grelhagens de ar condicionado e dos pontos e sancas de luz.

c o n c r e t i z a ç ã o

Ainda que com dificuldades inerentes à distância que nos separava da construção, a qualidade final da construção foi muito aceitável. O empreiteiro "Casais" que dirigiu a primeira fase da construção fora quem dirigira, meses antes, toda a obra da Igreja do Marco de Canavezes, logo estava de sobremaneira habituado a um trabalho de rigor.

Assim, deixou a obra muito bem preparada para as especialidades, o que de facto acabou por tornar o trabalho menos complexo.

No entanto, surgem sempre problemas de execução que seria aqui moroso e penso que pouco útil especificar, mas que foram sendo resolvidos com visitas regulares da arquitecta à obra, da qual se trouxeram fotografias e relatórios de modo a criar soluções.

o e d i f i c i o

De planta rectangular, com 7.0 x 15.5m, o edifício é implantado no seu lado maior paralelamente ao lagedo da eira. Tem 2.7m de pé direito interior, e no exterior, no seu ponto mais alto tem cerca de 3.2m.

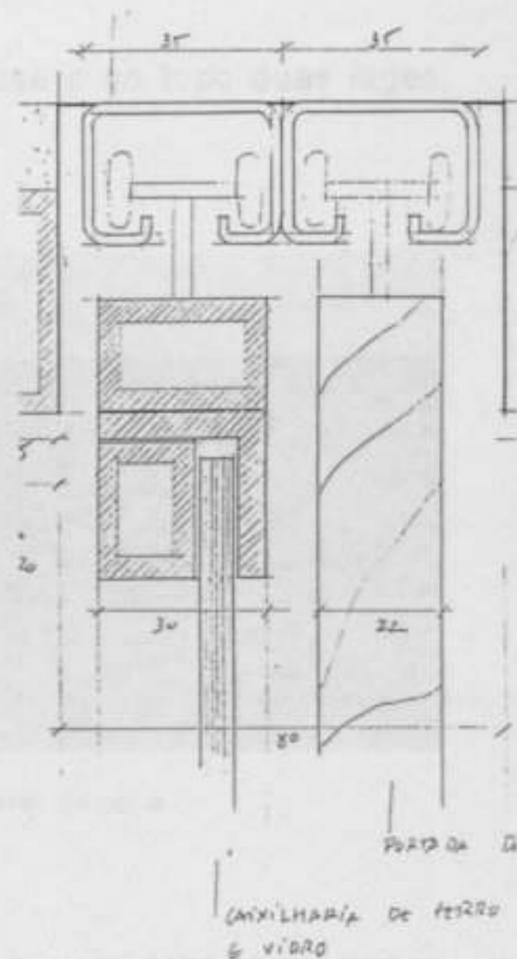


fig. 19 - pormenorização da porta de entrada

É uma estrutura simples de betão, pilar e viga, que tem na base e no topo duas lages, formando o piso e a cobertura.

As paredes são de alvenaria de tijolo, todas com caixa de ar e isolamento, incluindo as interiores, visto ser também um edifício destinado a ensaios, provocando a necessidade de bom isolamento acústico.



fig. 20 – o vão exterior, ainda no decorrer da obra

O pavimento é de tábua corrida em todo o interior, excluindo as instalações sanitárias, que são de granito polido. Nestas, as paredes são de pedra de ardósia, material já utilizado pelo atelier em outras obras em Mateus.

Na fachada poente existe um vão único que percorre todo o edifício, tendo cerca de 14.8m de comprimento. Este vão está dividido em 12 partes iguais e é formado por uma caixilharia em ferro, com vidro de 4mm, que tem a particularidade de ser de guilhortina. A protecção solar deste vão é feita com umas palas metálicas exteriores (similares aos quiosques), que quando fechadas fazem também a segurança do edifício.

No canto nordeste do edifício existem duas pequenas janelas horizontais, semelhantes a uma outra que se encontra na parede nascente, junto à porta de entrada.

Esta, corre sobre calhas no topo, resguardadas no interior da parede, e é também de caixilharia de ferro mas com vidro de 6mm, sendo a sua protecção feita por uma portada de madeira, que corre paralelamente a ela numa calha independente.

Duas das paredes exteriores, estão projectadas para serem revestidas a pedra, mas por na altura do início da obra não haver ainda certezas quanto à viabilidade financeira destes remates, todas as paredes foram construídas em alvenaria dupla de tijolo.

Num destes panos de pedra está embutido um ponto de luz e na base do outro estão colocados focos, de forma a iluminar o material, criando a penumbra no resto do exterior.

As águas pluviais são recolhidas, sendo parte delas conduzidas a duas gárgulas de ferro na parede sul do edifício. A cobertura está devidamente isolada, sendo coberta com rodo de tamanho médio e rematada com chapa de zinco quinada.



fig. 21 – o remate da cobertura, durante a obra

Do orçamento estipulado, optou-se por investir mais na qualidade dos materiais, no bom isolamento das paredes e coberturas, por colocar um bom pavimento. No final, como resultado, penso que nos aparece um edifício equilibrado, modesto nas formas e rico nos materiais e na qualidade construtiva. À semelhança do que acontece no resto da propriedade. Para durar.

E d i f i c i o .

P o n t e d a B a r c a

Edifício de Habitação, Ponte da Barca
Arq. Teresa Nunes da Ponte
Colaboração na elaboração dos esboços iniciais.

Da série de projectos que se referem neste relatório, este edifício em Ponte da Barca pode parecer de importância diminuta. Mas, tal como todos os outros, consta aqui por uma razão particular.

Trata-se de um edifício já existente e de um lote vazio que lhe é contíguo, cujo propósito é **recuperar** o primeiro e **construir** no segundo, de forma a tornar num **imóvel único** de habitação plurifamiliar.

É um programa comum, dificultado e acrescido de interesse pelo facto de se tratarem de **dois lotes de gaveto**, que vencem um desnível consideravelmente alto.

Localiza-se no **centro histórico de Ponte da Barca**, lugar onde convivem múltiplas características da **arquitectura tradicional minhota**, aliás bem representadas no edifício a recuperar. É de salientar que este é de um interesse invulgar, quer por ele próprio quer pela envolvente notável dos edifícios e do lugar em si. É portanto um projecto que se apresenta com a possibilidade de ser muito rico em vários níveis.

Acabou por adquirir uma especial importância por ser um **estudo de raiz**, ao qual ainda não fora feita nenhuma introdução, nem sequer da parte dos proprietários. Surge um pouco à imagem dos exercícios escolares.

No entanto, e por diversos motivos, o projecto não teve seguimento até hoje. Restou a sensação do que poderia ter sido.

C o n v e n t o d a
S r a . d o C a r m o

Figueiró dos Vinhos

Arq. Luis Quaresma Ferreira

Colaboração no projecto-base, projecto de execução, projecto de execução de arranjos exteriores

O programa funcional é assim detalhado, sendo de salientar no âmbito a introdução de um espaço reservado para Sala de Estudo, designado por

De entre os projectos que foram acompanhados neste estágio, o Convento de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços, juntamente com as intervenções na Casa de Mateus teve, pela sua forte componente histórica, uma muito especial importância.

Actualmente, o Convento de N. Sra do Carmo pertence à paróquia de Figueiró do Vinhos.

Encontrando-se o Convento num acentuado estado de degradação, tem sido nas últimas décadas de pouca utilidade para a população local. Assim, quando se decidiu fazer as obras de restauro, tomou-se a iniciativa de propor também a **construção de um equipamento público** que revitalizasse o edifício e, conseqüentemente, um dos locais mais nobres da vila.

Relembrando a existência anterior no local da **Livraria Colégio das Artes**, foi proposta a implantação de uma **biblioteca** no terreno confinante com a ala Sul do Convento, mantendo no entanto uma ligação interna com este.

Assim, para além do projecto de recuperação do imóvel, foi entregue o estudo prévio para a construção de uma **Biblioteca Municipal**. Esta, segundo as normas de



fig. 22 – maquete de ambos os edifícios

equipamentos colectivos, será do tipo BM1. Terá também o apoio financeiro do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, que financiará o projecto em cerca de 70%.

O **programa funcional** é assim **normalizado**, sendo de salientar no entanto a introdução de um espaço designado por Sala do Conto, destinado às histórias faladas para os mais pequeninos.

A obra de restauro do convento encontra-se em curso, preparando-se ainda para este ano o início da construção da Biblioteca, simultaneamente com os **arranjos exteriores da zona verde** anexa ao edifício.

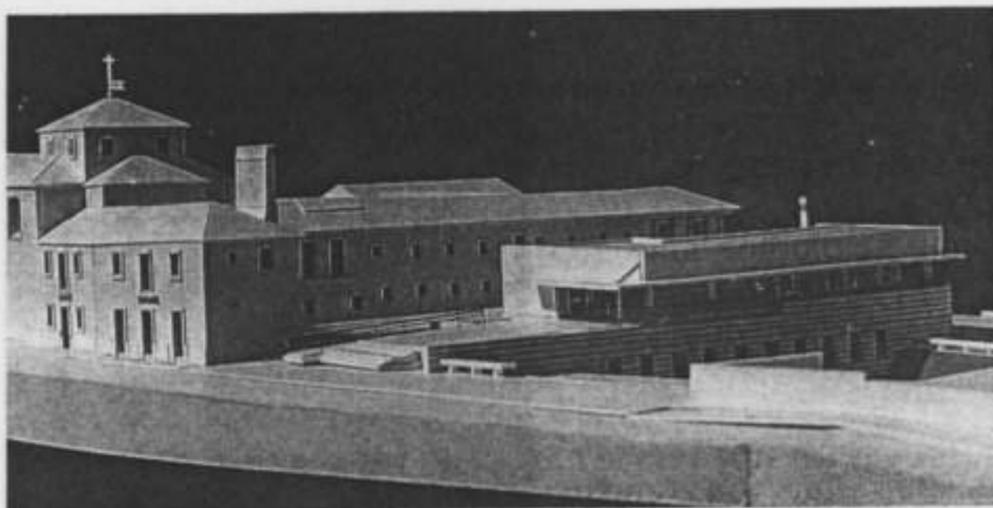


fig. 23 – maquete de ambos os edifícios

Tendo em conta a forte **componente histórica** do local, a posição social em que este edifício se enquadra e a imponência do seu espaço (ou mesmo dos vazios por ele deixados), optou-se desde logo por uma

construção linear, de **materiais simples**, procurando o **enquadramento em alternativa à sobreposição**.

Assim, o edifício será revestido a pedra até uma cota relativamente alta, a partir da qual terá um piso totalmente em vidro, procurando a **transparência**. Essa transparência foi também procurada no corpo que faz a ligação entre o antigo e o novo, que consiste num volume estreito, de dois pisos, mas integralmente em vidro.

A construção nova será rodeada em dois dos seus lados por pequenos tanques de **água** que, para além de servirem de barreira visual e física, vão **reflectir ambos os edifícios**.

A introdução deste novo elemento no local acaba por assumir um papel de uma enorme importância e, como tal, por lhe dar um carácter muito particular.

A inclusão deste trabalho neste texto deve-se ao facto de ter sido um projecto em que se levantaram **problemas e dualidades** que se consideram importantes num qualquer processo de aprendizagem.

O acto de erguer uma construção nova anexa a um edifício com uma elevada componente histórica e social, como é o caso, levanta sempre uma **dúvida profunda quanto à sua legitimidade**.

O equilíbrio entre a sobreposição e o enquadramento, a alternativa entre o contraste de materiais e a sua adequação são problemas que sabemos só ver resolvidos com o conhecimento profundo dos locais e situações.

... ..

... ..



... ..

... ..

... ..

... ..

L o t e s 1 8 e 2 7

Bairro Afonso Costa - Setúbal

Arq. Luis Quaresma Ferreira - colaboração na elaboração das peças desenhadas

Estes trabalhos constituíram no conjunto global do estágio apenas uma pequena parte. No entanto, acabaram por ter uma importância relativa considerável.

Falamos de dois projectos distintos, separados no tempo, mas elaborados no mesmo atelier e para um mesmo lugar: o Bairro Afonso Costa, em Setúbal. Um lugar outrora vazio, para onde a Câmara Municipal elaborou recentemente um loteamento, e que hoje se encontra num estado particular de obra permanente.

Trata-se de um bairro de habitação, com casos pontuais de comércio no piso térreo, com edifícios de aproximadamente seis pisos. Na sua maioria são T3 e T2, com duas casas por andar, um piso recuado e uma garagem.

Regra geral são obras de **construção simples e custos pouco elevados**, destinada à classe média local, principalmente à mais jovem.

É um **processo rápido**, controlado exclusivamente pelo construtor que é, na maioria dos casos o dono da obra. O arquitecto aparece com um papel totalmente distinto do que aconteceu, por exemplo, no projecto da Casa de Mateus.

O que é pedido é uma **intervenção de cariz burocrático**, de elaboração de uma estrutura funcional para um programa restrito e objectivo, da elaboração de peças

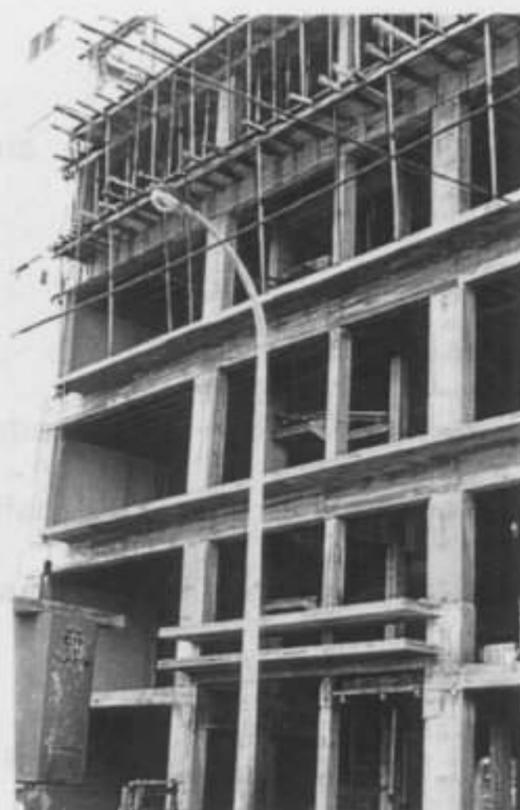


fig. 24 - a obra, ainda na estrutura

desenhadas para aprovação na Câmara Municipal e, eventualmente, elaboração de uma sugestão de materiais e cores para o exterior.

É o caso de uma construção num lugar sem urbanidade mas que a seu tempo, com todos os outros, acabará por ganhar, com mais ou menos personalidade, as suas características próprias.

É um exemplo de como se constroem lugares no nosso país, ou melhor, de como se constroem a maioria dos lugares no nosso país.



fig. 24 – vista geral sobre parte do bairro

No entanto, e cada vez mais, as cidades continuam a expandir-se, as antigas periferias consolidam-se e as novas ganham centralidade pela cada vez maior facilidade no acesso às cidades. Veja-se, no caso de Lisboa, as transformações que as recentes obras da CREL, do Eixo Norte-Sul ou da Ponte Vasco da Gama vieram trazer.

A importância desta experiência revela-se apenas quando nos mostra o **quotidiano de uma realidade** que, sendo a comum, não é aquela que nos apraz imaginar como futuro...

Centro de Dia, Rio Maior

Arq. Luís Quaresma Ferreira

Colaboração na elaboração das peças desenhadas do projecto-base. Execução do modelo tridimensional.

É de tal forma corrente designar determinado projecto como sendo um caso particular, que é um pouco redundante afirmá-lo relativamente a este. Mas é um caso em que o envolvimento dos

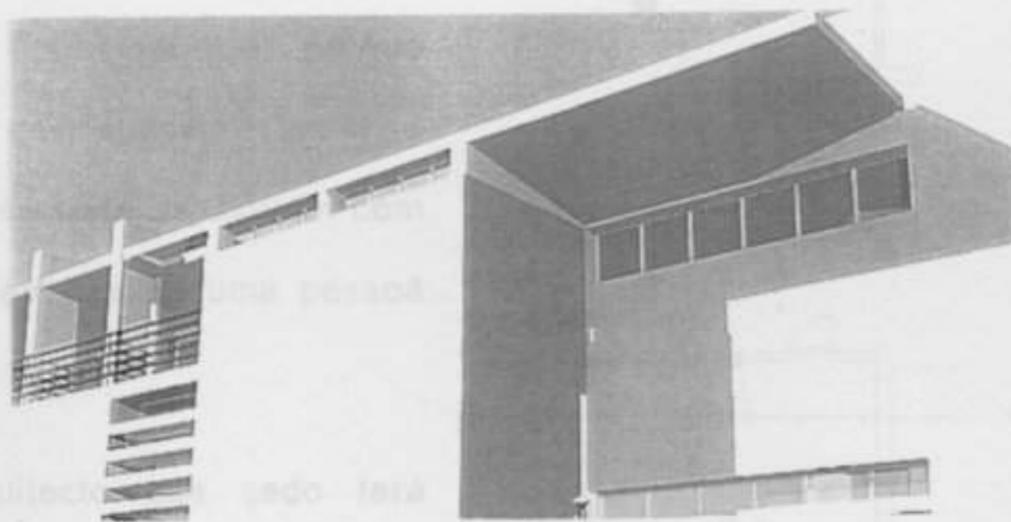


fig. 25 – excerto de uma perspectiva do exterior

intervenientes foi tão grande que acabou por gerar uma **situação que me parece ser invulgar.**

Mais do que um caso, **este projecto é uma história.** Embora tenha executado a totalidade das peças desenhadas, nesta história sinto-me mais no papel de espectadora do que de interveniente.

Como referi na introdução, os projectos que escolhi apresentar no relatório visam mais retirar conclusões distintas do que propriamente ser ilustrativos das *grandes* empreitadas em que possivelmente estaria envolvida.

O Centro de Dia de Rio Maior é um dos casos em que a conclusão me parece importante.

Em Rio Maior, como acontece em muitos lugares deste país, existem carências. Reflectem-se sobretudo nos equipamentos para a infância e terceira idade. No entanto existe também uma pessoa que vai tentando colmatar essas falhas – vulgo, um benfeitor.

Das suas anteriores contribuições para a melhoria das condições de vida naquele lugar pouco sei dizer, porque desconheço. O que sei foi o que consegui intuir, e percebi que provavelmente não se trata de alguém com um poder económico ilimitado, apenas de uma pessoa com um empenhamento invulgar.

Trata-se também de um arquitecto que cedo terá compreendido o tipo de investimento que estava em causa e que, penso, terá acedido a estabelecer padrões particulares para este caso. Não me refiro concretamente a padrões financeiros ou estéticos. Refiro-me a concessões em diversos níveis.

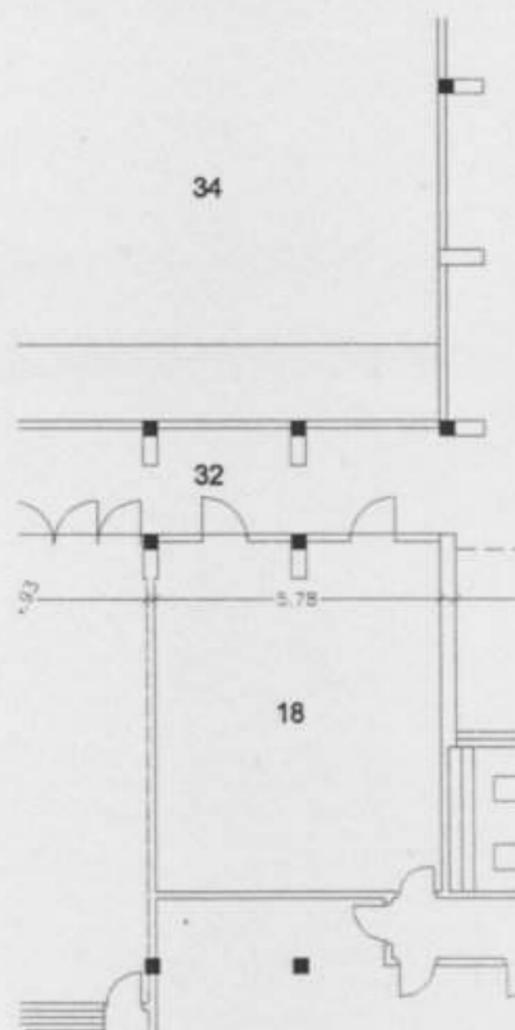


fig. 26 – extracto da planta

É um projecto com um programa corrente, composto por zonas de estar, de actividades, de convívio, entre outras. A organização dos espaços é comum e foi tida em conta a possível dificuldade de locomoção de alguns dos utilizadores.

A aprendizagem que se retira deste processo, independentemente dos habituais trâmites legais ou das diferentes fases de projecto, está na relação entre o atelier e o cliente.

Por diversos motivos que seriam morosos e dispensáveis citar, o projecto foi sendo revisto, alterado e acrescentado ao longo dos meses. E foi-o não por motivos económicos ou da rentabilidade do espaço, mas sim pela pura intenção de melhorar.

Poder-se-iam tirar diversas hilacções sobre custos e prejuízos que de projecto quer de atelier, sobre clientes difíceis ou fáceis ou mesmo sobre estéticas comprometidas. Mas, longe de querer citar um mundo de *bons* e de *maus*, surpreendeu-me que tudo seja apenas uma questão de **atitude**.

Concursos
de
...

...

...

...

...

C o n c u r s o s



Centro de Congressos e exposições, Estoril.
Cantina da Univ. Nova de Lisboa, Campo Sant'Ana
Atelier Aragão e Sá Pereira
Colaboração na construção dos modelos tridimensionais

Durante os meses de estágio, e em consequência da colaboração simultânea em outros ateliers, surgiram os diversos trabalhos citados anteriormente. No entanto, a eles se junta um outro tipo de colaboração: a dos concursos.

E estes são aqui referidos **independentemente do resultado final** quer a nível de projecto quer a nível de classificação. São citados porque provocaram uma tomada de consciência relativamente a outros aspectos, pouco presentes nos projectos correntes.

Salientam-se dois aspectos que parecem importantes, embora o segundo seja menos específico deste tipo de trabalho.

Em primeiro lugar surge um conceito, provocado pelo aliar de um prazo fixo e regra geral curto a um problema projectual para o qual à partida não estamos despertos: o **conceito de desafio**, no significado concreto da palavra.

Pelo que foi experimentado, conclui-se que este desafio é incentivado pela novidade inicial, da qual se passa a uma obrigatoriedade de execução, que é feita com muitas incertezas mas com uma **intuição invulgar** quando comparada com os comuns projectos de arquitectura que elaboramos.

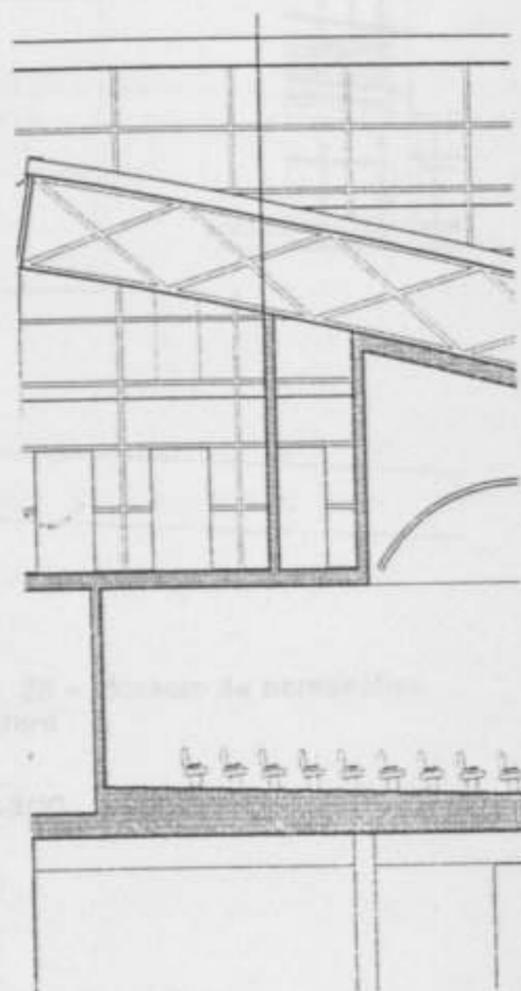


fig. 27 - excerto de um corte.
Estoril

Em segundo lugar, e neste caso de um ponto de vista estritamente pessoal, permito-me escrever sobre as experiências individuais que recolhi, tendo em conta que a minha colaboração foi mais ou menos sempre na mesma área: a da construção dos modelos tridimensionais.

Existe a ideia convencional de que o **modelo tridimensional** (seja ele informático ou em cartão) serve para ajudar a **conhecer o objecto**, para podermos nele *viver* um pouco. E de facto é essa a sua função.

Acontece que para quem o executa, e refiro-me aos modelos informáticos, o objecto acaba por adquirir um carácter totalmente distinto, de uma imaterialidade total que se contradiz com o conhecimento profundo que dele adquirimos. No fundo, somos os primeiros a habitar aquele espaço, depois de o termos construído. Um espaço que não existe.

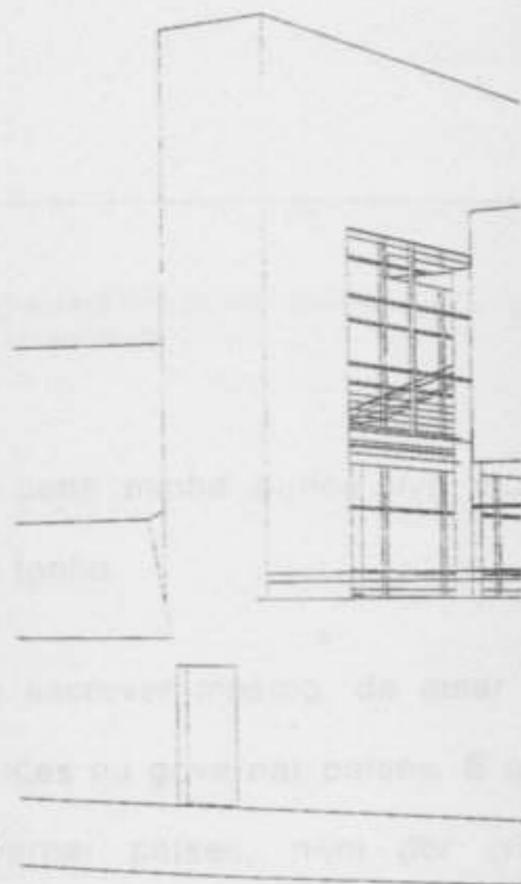


fig. 28 – extracto da perspectiva.
Estoril

A ideia surge com estranheza, mas é este o novo conceito de **espaço virtual**.

No caso concreto dos concursos este facto acentua-se pela rapidez com que os modelos crescem e pelo envolvimento forte que é necessário ter.

No fundo, é um esforço físico para acompanhar um **exercício mental**. E refiro-me a todo o processo e a todos os intervenientes.

C o n c l u s ã o .

Sendo grande apreciadora das leituras, com grande pena minha nunca tive muita destreza nesta coisa de escrever. Mas gostava. Mas não tenho.

Confesso que admiro mais quem sabe escrever (mas escrever mesmo, de amar as palavras e saber usá-las) do que quem sabe pilotar aviões ou governar países. É que saber escrever, eu gostava. Pilotar aviões e governar países, nem por isso. Curiosamente, só governam países as pessoas que sabem usar as palavras...

No entanto existe uma sensação que eu precisava de conseguir explicar. Mais do que uma sensação, é uma surpresa.

Acontece que a grande parte deste relatório foi escrita quando acabei o estágio mas, por motivos pessoais, só agora consegui retomar – antes do mais, peço desculpas pelo atraso a quem o está a ler.

Naturalmente, quando recomecei, reli-o. E percebi que tinha estado enganada.

O objectivo principal de um relatório de estágio é concerteza avaliar o desempenho do recém-licenciado. Não contesto. Mas perdoem-me, para mim a utilidade não é essa. Nunca escrevi nada que não fosse escolar ou profissional (algumas cartas para amigos, mas essas naturalmente nunca as reli). Nem sequer tenho agenda (por enquanto a memória vai chegando).

Ao pegar de novo no texto, fico perplexa. E não é pela boa ou má qualidade da escrita; bem ou mal, parece que me faço entender. Sei que ele se encontra entre o escolar e o profissional mas quando o leio, o que vejo não é o trabalho ou a faculdade. **O que vejo é um conjunto de experiências, umas melhores e outras piores mas que, por mais banal que isto possa parecer, me representam a mim.**

E fico perplexa porque sempre pensei nestas páginas, depois de avaliadas, depositadas na biblioteca entre tantas outras (oficialmente parece que é o que vai acontecer), cujo interesse futuro, convenhamos, é relativo.

Mas não. O interesse futuro que elas podem ter, é meu (descartando à partida a hipótese pouco provável de uma fama fulminante nacional e internacional...). **O interesse é meu porque percebi que reler consolida conhecimentos, filtra informação desnecessária.**

(O cenário não se passa no ano 2050, comigo a ler o relatório de estágio de 1998)

Aliás, não é um cenário: é uma sensação. A que referi inicialmente.

Bem sei que um relatório de estágio é algo sério, e foi com seriedade que escrevi o meu. Queria salientar que esta conclusão, embora possa não parecer, é a parte mais séria de todo o relatório. Porque é importante aprender o que são Projectos-Base, Licenciamentos, acompanhamento à obra, convivência em atelier, mas é importante sobretudo saber valorizar o que aprendemos por nós do que aprendemos com os outros.

Muito obrigada pela atenção.

Eu, Maria Teresa Nunes da Ponte, arquitecta, portadora do B.I. nº 456 66 03, emitido pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, inscrita na ordem profissional sob o nº 1459, declaro que Rita Palla Osório de Aragão, portadora do B.I. nº 101 218 53 do Arquivo de Identificação de Lisboa, realizou estágio neste atelier durante os meses de Fevereiro a Julho de 1998.

O estágio consistiu na colaboração da elaboração do projecto de um edifício com a função de camarins e salas de ensaio para a Fundação da Casa de Mateus, na Casa de Mateus, em Vila Real. Foi elaborado o Projecto-Base, Projecto de Licenciamento, Projecto de Execução e Acompanhamento à Obra. A obra teve início durante o decorrer do estágio, e terminou no mês de Julho, de forma que foi feito o acompanhamento de todo o processo.

Durante este período efectuou também colaborações pontuais em outros trabalhos que estavam em curso no atelier, tendo a participação sido muito satisfatória quer no projecto dos camarins quer nestes últimos.

Maria Teresa Magalhães Nunes da Ponte

Maria Teresa Nunes da Ponte

Lisboa, 26 de Janeiro de 1999

11